

2

RECONHECENDO O
TERRITÓRIO: A PRODUÇÃO
DE CAMINHADAS E IMAGENS
NO BAIRRO FLORESTA EM
PORTO ALEGRE.

JOSÉ LUÍS ABALOS JÚNIOR

Doutor em Antropologia Social (UFRGS), compõe a equipe do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) e do Grupo de Pesquisa Sociologia Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSIUC/PPGS/UFRGS).

2.1 INTRODUÇÃO

A ideia de caminhar pelas regiões estudadas como estratégia de (re)conhecimento territorial não é nova. Muitos pesquisadores da Escola de Chicago, escola clássica que inspirou em muitos sentidos a construção de uma sociologia urbana, usaram da etnografia, ou simplesmente da chamada observação direta, para a construção de conhecimento sobre as áreas estudadas. Podemos recorrer a Walter Benjamim, que, para falar dos temas da modernidade, recuperou a figura do *Flâneur* de Charler Baudelaire, um curioso habitante urbano que caminha e observa a cidade através de um percurso sem compromissos, mas que não inocentemente reconhece relações sociais e injustiças do mundo moderno.

Quando falamos da caminhada enquanto experiência de pesquisa, salientamos a importância de pisar no território estudado e o quanto esse ato coletivo e idealizado representa uma abertura a novas percepções da região na qual direcionamos nossa atenção. Aqui falamos objetivamente do bairro Floresta, que foi encarado pelo projeto “O 4º Distrito a partir do olhar dos atores sociais no bairro Floresta” como um objeto de análise, como referenciado no capítulo anterior. A partir de setembro de 2019, a equipe de pesquisadoras e pesquisadores do Grupo de Sociologia Urbana e Internacionalização das Cidades (GPSUIC) buscou construir roteiros de caminhadas pela área estudada, almejando perceber as estéticas e narrativas presentes nesse lugar.

A paisagem urbana do bairro Floresta é composta por uma diversidade de elementos históricos que resultam em uma estética do abandono representada em resquícios da paisagem industrial.¹ Contudo, novos elementos foram agregados durante as últimas décadas, como a construção de edificação modernas para habitação,² assim como a reutilização destes espaços históricos para fins do empreendedorismo criativo na região.³ Portanto, a caminhada pelo bairro se caracterizou por uma observação direta destes elementos estéticos como um primeiro momento de investigação no território. A inspiração trazida por esse primeiro olhar nos

¹ O processo de desindustrialização no bairro Floresta, assim como no 4º Distrito onde está inserido, se deu a partir da década de oitenta, quando as grandes empresas que ocuparam a região iniciaram seu processo de saída da antiga zona industrial. Contudo, as antigas instalações dessas indústrias permaneceram até os dias atuais. Soma-se a isto o processo de estigmatização pelo qual o território passou durante esse processo de desindustrialização, sendo associado, como vimos nas entrevistas realizadas, a um bairro “abandonado” pelo poder público.

² O caso da edificação Rossi-Fiatecci, no bairro São Geraldo, que faz fronteira com o bairro Floresta, é o mais ilustrativo quando falamos de uma remodelagem do bairro para novas habitações.

³ No próximo capítulo, nos aprofundaremos neste tema.

levou à seguinte questão: como podemos visualizar categorias conceituais que “brotam” no urbano, como direito à cidade, internacionalização e financeirização deste território? A partir do momento que tais conceitos fazem parte do cerne deste projeto de pesquisa, eles poderiam estar, em maior ou menor medida, esteticizados no nosso universo de análise através das caminhadas.⁴

Dito isto, as caminhadas foram orientadas por algumas questões e percursos norteadores. Levando em consideração a necessidade de olhares dos atores sociais deste território, o grupo de pesquisa realizou convites para interlocutores que tinham alguma relação com o Bairro Floresta. A ideia aqui foi caminhar “com” agentes que (co)produzem esse território, buscando entender percursos, narrativas e ações na região. O processo de escolha desses atores sociais foi realizado a partir de uma relação prévia que muitas pesquisadoras e pesquisadores já tinham com esses sujeitos, aos quais foi apresentada a proposta do projeto e encaminhada datas para caminhadas.

Outro elemento que se tornou importante nesse processo de reconhecimento do território foi o incentivo à produção de imagens. Apesar da metodologia do projeto não incluir questões de captação e análise de imagens, essa questão apareceu nas caminhadas como uma dimensão importante no entendimento da região. O ato de registrar paredes, placas e formas de sociabilidade, foi realizado sem um roteiro de produção fotográfica prévio, mas norteado por questões norteadoras, como a supracitada. Sendo assim, aqui o papel da imagem na pesquisa sobre cidade toma um caráter de auxílio no processo de (re)conhecimento da região estudada, e não como uma metodologia de pesquisa cidade (Grosjean; Thibaud, 2001).

Ao todo, realizamos cinco caminhadas exploratórias pelo território, buscando: (1) caminhar com atores sociais que tinham algum grau de vínculo com a equipe e com o bairro Floresta; (2) ouvir narrativas destes interlocutores sobre questões importantes que afetam a região, assim como perceber suas trajetórias pelo bairro; (3) produzir imagens fotográficas durante as caminhadas, buscando captar elementos estéticos significativos no bairro. Esse percurso exploratório, que envolveu caminhadas e produções de imagens, se desenrolou de forma mais criativa e complexa no desenvolvimento da investigação do grupo, e é sobre esse processo de análise do material coletado em campo que detenho a atenção nas próximas páginas.

⁴ Cabe dizer que o processo de produção de caminhadas e fotografias sobre o território estudado se baseou, também, em pequenas notas de campo escritas e visuais.

2.2 AS CAMINHADAS

Dentre todas as caminhadas que a equipe do GPSUIC fez no bairro Floresta, destaco uma para exemplificar como se deu essa interlocução com os atores sociais do território. A caminhada com Carlos⁵ nos levou a conhecer os circuitos das artes legais e ilegais presentes no espaço público deste território. Trata-se de um artista urbano com mais de dez anos de trabalho nas ruas. Carlos aceitou nosso convite para caminhar pela região e nos demonstrou um olhar muito peculiar que os grafiteiros têm da cidade. A ideia era caminharmos por um circuito de graffiti legalizado denominado “ZIS Grafite”, projeto que foi realizado em 2017 e que diz respeito a produção de murais que contam a história do bairro (Abalos Junior; Cabreira, 2018). Entretanto, além desse circuito legalizado de muralismo, o artista demonstrou uma visão mais cotidiana de vivência do artista na cidade, apontando para as dimensões da arte ilegal que marca a estética da região.

Carlos nasceu no bairro Floresta, mas não tem vínculo de moradia neste lugar nos dias atuais. A sua relação com a região se dá através da arte urbana, mais especificamente pela produção de graffiti e adesivagem em espaços marcados pela degradação.⁶ Portanto, o Floresta é encarado aqui como bairro degradado, alvo interessante por parte de quem intervém legalmente e ilegalmente na cidade. O primeiro ponto dessa caminhada foi o Shopping Total, próximo ao prédio da antiga cervejaria Bopp, patrimônio histórico de cultura alemã, conservado na cidade. Não nos detemos aqui ao conteúdo dos murais em si, mas é interessante colocar que foram pensados dentro de uma narrativa que conta a história do bairro através de grandes pinturas. Carlos não pintou nesse projeto, mas pode nos falar do crescente processo de legalização das práticas de graffiti, principalmente pela iniciativa privada e pela economia criativa presente no bairro, o que não impede uma preponderância da estética de manifestações ilegais, como a pixação (La Sala, 2017), que compõem a paisagem cotidiana da região.

Caminhar com esse artista nos fez (re)conhecer o papel que a visualidade tem na região. Se o Floresta é marcado por uma estética do abandono, com muitos lugares estampados com uma placa de “vende-se” ou “aluga-se”, só podemos perceber isso pela caminhada. Uma premissa importante nas caminhadas é a de que, ao acompanhar os sujeitos de investigação nos seus circuitos pela cidade, “a cidade que nós conhecemos é a cidade da alteridade da pesquisa” (Eckert; Rocha, 2013,

⁵ O projeto prevê o anonimato dos seus interlocutores, portanto esse é um nome fictício.

⁶ Não é nova a relação entre graffiti e ruínas. Todo o processo de desenvolvimento desse tipo de expressão urbana, como nos relata Castleman (1982), tem sérias conexões com a degradação urbana.

p. 24). Logo, o bairro Floreta que conhecemos, através da interlocução consentida com Carlos, é o bairro Floresta deste artista de rua.

Se o artista urbano é alguém que se desloca na cidade e, justamente por este fato, tem uma visão muito particular do urbano, é muito proveitoso o uso metodológico desse modelo, pois permite um acompanhamento dos fluxos urbanos, locais de preferências de pintura, intenções, uso de materialidades, todas questões que levam a uma central: que Floresta é este pensado por esse artista urbano? Esse fazer-cidade (Agier, 2019) nos leva a pensar como o movimento é parte constituinte do cotidiano de quem intervém na cidade e, mais que isso, como essa cidade é um “objeto virtual” (Lefebvre, 2009, p. 97) no qual o urbano imaginado, projetado, desejado, ultrapassa uma noção pragmática de cidade.

Para Agier (2019), é a relação de construção e desconstrução entre o campo de pesquisa e o objeto de pesquisa que torna possível um olhar sobre a cidade.⁷ É através das situações de interlocução do antropólogo com seus interlocutores que se funda o ponto de vista antropológico sobre a cidade, o “lugar” de onde se fala, o que restitui toda a potência analítica ao caráter relativo e subjetivo da etnografia. Tais perspectivas caminham juntas (uma metáfora adequada nesse contexto teórico e metodológico) com a ideia de etnografia de rua, pois as duas têm, no movimento, um fator essencial de análise. Porém, enquanto o fazer-cidade se preocupa com as dimensões da “virtualidade” do urbano, a etnografia de rua tem uma atenção mais presente ao acompanhamento e ao “caminhar junto”.

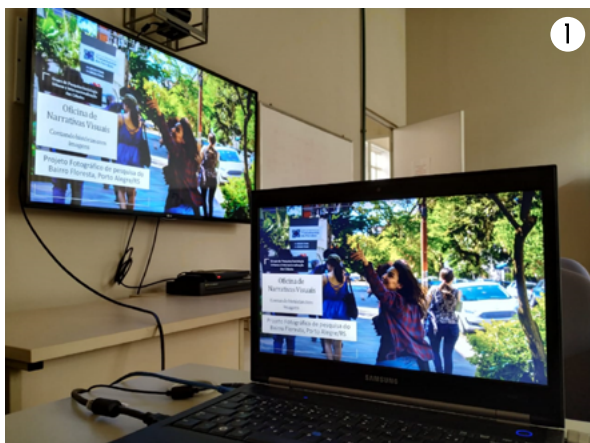
Outra perspectiva que compõe esse quadro de influências do saber fazer de pesquisa etnográfica na cidade é a de Michel De Certeau (2003), relacionada às práticas do espaço. Para o autor francês, “o ato de caminhar está para o meio urbano assim como enunciação está para a língua” (De Certeau, 2003, p. 42), portanto, há uma íntima relação entre passos e palavras, o que torna interessante o acompanhamento etnográfico de interlocutores que caminham e falam. Interessante perceber o valor dado às “práticas microbianas” como comer e caminhar na cidade, pois estas sobrevivem a um sistema urbanístico que deveria administrá-las.

Por fim, caminhar, escutar e captar imagens, são elementos significativos que nos fizeram perceber esse universo de pesquisa centrado no bairro Floresta como ferramentas de investigação produtivas. Além da caminhada com Carlos, outras quatro aconteceram. Em todas elas tivemos contatos com a alteridade e visão de cidade dos atores sociais que acompanhamos e conhecemos mais profundamente um novo bairro Floresta.

⁷ O projeto de pesquisa não incorporou a etnografia como metodologia de pesquisa, mas as caminhadas exploratórias inspiraram um debate sobre o olhar antropológico e a discussão sobre o tema.

2.3 AS IMAGENS

Um dos produtos das saídas de campo foi a grande quantidade de imagens que resultaram do processo de caminhada no território. Em cinco experiências, foram produzidas cerca de 450 fotografias por uma equipe de, em média, 10 pesquisadoras e pesquisadores. O que fariamos com estas imagens? Toda a equipe entendia que essa coleta de dados imagéticos mereceria alguma atenção especial na sua análise, mas não havia uma instrumentalização de como fazê-la. Nesse sentido eu, como integrante do grupo com formação no Núcleo de Antropologia Visual da universidade (NAVISUAL/UFRGS), ministrei uma “Oficina de Narrativas Visuais” para equipe na qual o objeto que pensássemos sobre a possibilidade de construção de coleções e de narrativas visuais com o material fotográfico que coletamos em campo.



Imagens 1 e 2 – Apresentação da oficina e o momento da construção de narrativas visuais

Fonte: Acervo GPSUIC.

O primeiro passo foi congregiar todas as fotografias em uma pasta do Google Drive na qual separamos as imagens primeiramente por ordem de caminhadas, e, dentro dessas pastas, por autores. A função de cada um seria colocar as imagens nas suas devidas pastas seguindo uma renomeação tratada e padronizada coletivamente. Feito esse processo, fizemos uma primeira seleção abdicando de imagens desfocadas ou com planos considerados desinteressantes para utilização desse

material. Por fim, chegamos em um número de cerca de 80 imagens para serem analisadas na oficina que aconteceu em dois encontros realizados no Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) e no Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV) no início do ano de 2020, antes da pandemia de Covid-19 impossibilitar o grupo de se reunir presencialmente.

Munidos de pequenas miniaturas das imagens escolhidas, a ideia foi que visualizásemos nossas caminhadas pelo território. Esta possibilidade, de ver fotografias de todas as cinco caminhadas misturadas em uma grande mesa, nos levou a uma nova experiência de reconhecimento territorial do bairro Floresta: ao ver as imagens, percebendo suas conexões e núcleos de sentido, fizemos uma nova imersão nesse lugar, agora pelas imagens. Assim, além de uma simples coleção de imagens, esse material representou uma nova forma de entender a região estudada. Através deste entendimento, o grupo foi provocado a pensar nas possíveis configurações que poderíamos identificar no material exposto, respondendo a questões colocadas, como “Como agrupar estas imagens?” e “Quais são as histórias que podemos contar sobre o bairro Floresta?”. Nesse processo de construção de conhecimentos com e através de imagens, chegamos a algumas possíveis narrativas visuais.

O grupo foi questionado a olhar todas as miniaturas de imagens por diversos ângulos possíveis e a pensar em cinco palavras-conceitos que percebiam “emanar” das imagens (Samain, 2012). Aqui as imagens foram encaradas como fontes inspiradoras, como dados de fonte primária acessíveis para futuras análises do território. Ideias como a de gentrificação, paisagem, comércio, caminhantes e muros foram mencionados nesse momento e a provocação foi a de materializarmos todas as questões em uma dimensão conceitual que as englobasse em um pequeno ensaio.

Dito isso, o primeiro ensaio tratou do tema das “transformações”, algo recorrentemente simbolizado em muitas imagens. Articulando imagens de várias saídas e autorias, foi construída uma pequena historieta imagética que conteve fotografias caracterizadas por uma demonstração visual de uma paisagem em constante mudança. Através de um processo de construção coletiva, a equipe escolheu as imagens e as suas disposições para futuros ensaios fotográficos.⁸

⁸ Esse ensaio visual concorreu no prêmio Pierre Verger, na Reunião da Associação Brasileira de Antropologia (RBA).



Imagem 3: José Luís Abalos Júnior

Imagem 4: José Luís Abalos Júnior

Imagem 5: Vitória Gonzatti

Imagem 6: Vitória Gonzatti

Imagem 7: José Luís Abalos Júnior

Nesse percurso de busca de sentido em coleções de imagens, uma segunda dimensão comentada foi a de gênero. Preocupados com o papel das mulheres neste território, essa categoria emergiu, por um lado, da quantidade significativa de símbolos relacionados às questões de gênero no acervo disponível, e, por outro, do interesse prévio de algumas pesquisadoras da equipe em debater tal dimensão e

ver como ela estava estetizada no bairro Floresta. Fotografias de intervenções urbanas na Rua São Carlos, Bairro Floresta, se fizeram presentes pela característica social desta região, marcada por iniciativas culturais e pela presença cotidiana de trabalhadoras do sexo, principalmente no período noturno.

Esta segunda narrativa visual contou uma história na qual a questão de gênero foi o núcleo de sentido do ensaio. Com cerca de oitenta imagens em miniatura dispostas em uma mesa, as questões colocadas foram “onde podemos perceber o tema gênero representado?” ou “como esse núcleo de sentido se apresenta nas nossas imagens?”. Tais provocações repercutiram em um processo de escolha criativo que buscou exibir elementos visuais vinculados a essa temática.⁹

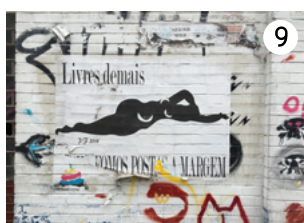


Imagem 8: José Luís Abalos Júnior

Imagem 9: Vanessa Marx

Imagem 10: José Luís Abalos Júnior

Imagem 11: Vanessa Marx

Imagem 12: José Luís Abalos Júnior

⁹ Esse ensaio visual fez parte da programação do Seminário Internacional Fazendo Gênero através da publicação *Fomos postas à margem: narrativas visuais de intervenções de mulheres no bairro Floresta (Porto Alegre/RS)*.

2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciei este capítulo abordando que ferramentas, como caminhadas e produção de imagens fotográficas, são ótimos instrumentos para (re)conhecimento territorial em investigações na área de sociologia urbana. Na verdade, o entendimento é de que tais formas de refletir sobre cidade podem cumprir um papel metodológico mais central em pesquisa social, porém, no caso dessa investigação no bairro Floresta, esses processos assumiram um caráter preliminar. Dito isto, ao pensar a produção de caminhadas e fotografias enquanto elementos de um estudo exploratório, busquei salientar seus usos potenciais para coleta e análise de dados no meio urbano.

No que se refere às caminhadas pela região estudada, elas tiveram dois grandes elementos de suporte para a pesquisa em seu momento inicial: 1) a experiência de estar presencialmente no bairro e visualizar estéticas, dramas e sociabilidades que emergem do Floresta; 2) a interlocução consentida com atores sociais localizados e o acesso às visões e práticas destes agentes produtores do território. Cabe dizer que o processo de roteirização destas mobilidades pelo bairro foi flexível e realizado em conjunto com nossos interlocutores, buscando, nessa relação de alteridade, o entendimento das práticas urbanas destes atores sociais.

Já no que diz respeito à produção de imagens fotográficas, houve outros dois grandes sentidos nos usos desta ferramenta: 1) a possibilidade de caminhar guiados pelos nossos interlocutores e registrar o que nos chamava atenção esteticamente no território; 2) ao rever as imagens no momento de construção de narrativas visuais, o entendimento de que estávamos “caminhando novamente” pelo bairro Floresta, percebendo minúcias despercebidas nos momentos das caminhadas. Acrescentaria a estes valores do uso da imagem um maior: a construção de um acervo e a oportunidade de fazer memória de um processo de pesquisa no qual aprendemos muito enquanto equipe.

Por fim, a conjunção entre ferramentas de pesquisa, como as caminhadas pela região estudada e a produção de fotografias, é profícua, complexa e desafiadora. Profícua, pois nos traz novos elementos para levantamento de dados sobre o território, e, conseqüentemente, novas dimensões para sua análise. Complexa, porque há uma variedade de formas de usar tais ferramentas e a pesquisa exploratória, como no nosso caso, é só uma maneira de pensar seus usos. E desafiadora em razão de que, ao caminhar e produzir imagens em equipe, estamos (re)conhecendo nossa própria cidade: uma Porto Alegre que, em maior ou menor medida, conforme as vivências de cada uma e cada um, se mostrou uma cidade outra.

REFERÊNCIAS

- ABALOS JUNIOR, Jose Luis; CABREIRA, Leonardo Palhano. Grafite e Práticas de legalização: artificação e mediação em expressões artísticas urbanas em Porto Alegre/RS. *PROA – revista de antropologia e arte*, v.2, n. 7. Campinas, jul-dez, p. 12-24, 2017.
- AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, v. 21, p. 483-498, 2015.
- CASTLEMAN, Craig. *Getting up: subway graffiti in New York*. Mit Press, 1982.
- DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- ECKERT, Ana; ROCHA, Cornelia. *Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2013.
- GROSJEAN, Michèle; THIBAUD, Jean-Paul. *L'espace urbain en méthodes*. Marseille: Editions Parenthèses, 2001.
- JACKSON, J. B. *Discovering the Vernacular Landscape*. New Haven: Yale University Press, 1984.
- LASSALA, Gustavo. *Pichação não é pixação: uma introdução à análise de expressões gráficas urbanas*. São Paulo: Altamira Editorial, 2017.
- LEFEBVRE, Henri *et al.* *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- SAMAIN, Etienne (org.). *Como pensam as imagens*. São Paulo. Editora da Unicamp, 2012.

local calçamento
governo ciclo projetos
vida prefeitura produção
bairro dias questão samba estúdios
futuro processo ideia
estúdio rua espaço história
carnaval público porto pandemia
cima cidade fábrica pai cursos
palco música quadra antigo forte
prédio área segurança mudança
guris área segurança mudança
cabeça associação legais
londres influência localização
comunidade